



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

UMA VARIANTE OU EDIÇÃO DESCONHECIDA

DAS

«RIMAS» DE CAMÕES

As edições conhecidas das *Rimas*, de Camões, com 202 fôlhas numeradas pela frente e mais 5 innumeradas com a taboada, que começa no verso de fôlhas 202, são de 1598, 1607 (esfera), 1607 (armas), 1614 e 1621.

Consideram-se duvidosas as de 1601, 1608 e 1611. Duvidosas, porque nada há averiguado acerca da sua existência, apesar da afirmativa de Manuel de Faria e Sousa.

O Dr. João Saldanha da Gama, porém, encontrou há anos, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, um volume das *Rimas*, que não é das edições conhecidas, e dêle fez a seguinte menção:

«Possuímos na colecção um exemplar curiosíssimo, talvez único, pois dêle nos não dão notícia os mais autorizados bibliógrafos. O exemplar pertence a uma das obras completas, talvez há muito exausta. Tem o formato in-4.^o e não traz fôlha de rosto.

A despeito das dificuldades a vencer em semelhantes casos, podemos formar, se não uma convicção inabalável acerca do valor bibliográfico dêste exemplar, ao menos uma conjectura muito racional, fundada em grande número de probabilidades.

O exemplar ou volume contém: em primeiro lugar, um exemplar das *Rimas*, sem fôlha de rosto; em segundo lugar, um exemplar dos *Lusiadas* de 1609.

A que edição pertenceu aquele?

Parece-nos que não pode ser posterior a 1609, porquanto o exemplar dos *Lusiadas*, que traz o mesmo volume, é de 1609. Não pode pertencer às duas primeiras edições, porquanto diferem profundamente entre si. Aproxima-se mais da terceira, de 1607; mas o estudo acurado e o confronto minucioso que fizemos de ambos, nos não deixa dúvida nenhuma de que êste exemplar das obras não pertence àquela das *Rimas* de 1607, como parece ao sr. Visconde de Juromenha.

A' vista disso, formulamos a seguinte conjectura: o nosso exemplar talvez pertença à quarta edição, cuja data se não pode precisar, mas que necessariamente foi dada à luz, ou no ano de 1608, ou no de 1609, por diligência de Domingos Fernandes; talvez seja a própria de 1608, citada por Faria e Sousa, e de cuja existência todos até aqui tem duvidado» (1).

Apareceria, portanto, um exemplar que não pertence às edições conhecidas?

Sendo assim, deve subsistir ainda a dúvida acerca da existência de outra edição: a de 1601, 1608, ou 1611?

Será uma variante de alguma daquelas?

Estas interrogações tem razão de ser feitas novamente, pois que o exemplar da Biblioteca do Rio de Janeiro não é único. A Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento possui outro, das *Rimas*, que nos parece ser igual ao citado pelo Dr. Saldanha da Gama.

Também, como êle, difere das edições conhecidas e também, como êle, não tem fôlha de rosto. Não está junto com um exemplar dos «*Lusiadas*», mas verifica-se que esteve encadernado em primeiro lugar com outro, formando volume.

Difere das edições conhecidas, porque a de 1621 é toda impressa em caracteres redondos, e das quatro outras restantes, porque tendo elas vários erros de paginação, não se repetem neste exemplar.

Os seus erros de paginação são nas fôlhas 64, 69, 80, 86, 87, 100, 166, 167, 186, 187, 195 e 202.

(1) *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. I, pág. 83 e 84. — Brito Aranha, *Dicionário bibliográfico*, tomo XIV, pág. 44.

E os das outras são :

Edição de 1598, nas fôlhas 64, 87, 136, 161, 166, 167, 186 e 202.

Edição de 1607 (esfera), nas fôlhas 47, 84, 87, 136, 161, 162, 164 e 166.

Edição de 1607 (armas), nas fôlhas 64, 69, 87, 124, 160, 165, 167, 186, 187, 190, 192 e 202.

Edição de 1614, nas fôlhas 54, 78, 160, 165, 172, 182, 196 e 197.

Nesta última também o primeiro verso da primeira elegia (fôlha 69 verso) começa por — *O Peta Simonides* — em lugar de — *O Poeta Simonides*. — ⁽¹⁾

O confronto com estas edições deve salientar outras diferenças, pois que basta fazer a comparação, aproveitando o pouco que diz Brito Aranha no tómo XIV do «Dicionário bibliográfico», para notar a desigualdade.

Assim na fôlha 78 em vez de 87, que tem a numeração errada neste exemplar e nas três primeiras edições citadas, o quarto verso da primeira oitava é :

Na edição de 1598 :

Sô para que a fortuna mo negasse,

Neste :

Sò para que a fortuna mo negasse,

Na de 1607 (esfera) o terceiro verso da mesma oitava é :

Amor a hum vão desejo m'obrigou,

Neste :

Amor a hum vão desejo m'obrigou,

Na de 1607 (armas) o mesmo verso é :

Amor a um vam desejo me obrigou,

(1) Informações da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Na de 1598, fôlha 163, o penúltimo verso da redondilha, na primeira coluna, é :

Vos dá aqui tinta por vinho,

Neste :

Vos dà aqui tinta por vinho

Na de 1607 (esfera) o começo da segunda coluna é :

A quarta foy posta a Ioã

Neste :

A quarta foi posta a Ioão

Na de 1607 (armas) o título da página é :

De Luys de Camões

Neste :

De Luis de Camões

O segundo verso da quintilha, que segue para o verso da fôlha, é na edição de 1607 (armas) :

Eu juro pello céu bento.

Na de 1598 :

Eu juro pello céu bento

Neste a palavra *ceo* não traz acento algum.

Tem o referido exemplar a mesma distribuição de rimas que a edição de 1614, conforme o «Dicionário bibliográfico», vol. XIV, pág. 52, n.º 19, e a mesma composição tipográfica, menos no primeiro soneto, que é impresso em itálico. Não há, porém, diferença de tipo na impressão das canções, odes e cartas, nem são numeradas as oitavas.

Veio para a Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento por motivo do legado do Abade de Tagilde, J. G. de Oliveira Guimarães. Não é hoje possível, pois, saber onde e como foi adquirido pelo doador. Supõe este erudito ilustre que pertencia à edição de 1598.

O cuidado com que o examinámos para averiguar se assim seria, visto faltar-lhe o rosto e as páginas preliminares, trouxe-nos a persuasão de que se trata de

uma edição desconhecida, visto não poder ser de nenhuma das outras em que poderia incluir-se.

As de 1607 tem a nota de terceira impressão; a das armas, dêsse ano, passa por ser uma falsificação da da esfera, publicada em 1616. A quinta é a de 1614.

E a quarta, de que não tem havido noticia?

Pertencerá a ela êste exemplar?

E sendo assim, em que data appareceu?

Em 1608, segundo Faria e Sousa, occupando dêste modo o seu lugar na ordem numérica?

Não querendo arriscar-nos a attribuí-lo a edição desconhecida, temos de considerá-lo como uma variante?

Só um exame cuidadoso do papel, tipo, côr, distribuição da tinta, e o confronto demorado com as edições conhecidas, esclarecerá o assunto.

Esse estudo comparativo, não o podemos ainda fazer, pela impossibilidade da consulta, tam raros são os exemplares destas primeiras edições das *Rimas*, guardados com amor pelos camonianos ou na Biblioteca Nacional de Lisboa. A do Pôrto e a da Universidade de Coimbra tem apenas a de 1607 (esfera).

Repete-se, em nosso conceito, o caso do Rio de Janeiro. Ambas as bibliotecas possuem um volume que não pertence a nenhuma das edições conhecidas, o que representa com certeza um cimélio de subido valor.

ANTÓNIO TIBÚRCIO DE VASCONCELOS.